

## **RESSIGNIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VASSOURAS/RJ: A VALORIZAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS INVISIBILIZADOS**

Tânia Maria de Araújo Caldas<sup>1</sup>  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabela de Fátima Fogaça<sup>2</sup>

### **Resumo**

Vassouras é um município do Vale do Paraíba fruto do apogeu econômico do ciclo do café. Seu centro histórico possui imponentes construções em arquitetura neoclássica como uma edificação construída em 1845 que, em 2018, foi revitalizada para se transformar no Centro Cultural Cazuza; o prédio que abrigava a Santa Casa de Misericórdia encontra-se em restauro para se tornar o Museu Vila de Vassouras; a Casa do Barão de Vassouras está sendo restaurada; tendo sido palco da exposição que valorizou as tradições culturais de Vassouras. Assim, o objetivo deste artigo é discutir as histórias de grupos sociais invisibilizados que construíram esta rica herança, contadas a partir dos novos usos deste patrimônio. Como metodologia, utiliza-se pesquisas bibliográficas e documentais em acervos históricos, reportagens em jornais e mídias digitais. Como resultado, percebe-se que o olhar sobre o patrimônio cultural, traz uma luz sobre as tradições em relações sociais que até então estavam invisibilizadas.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Espaços Culturais. Resignificações. Vassouras.

## **RESIGNIFICATION OF THE CULTURAL HERITAGE OF VASSOURAS/RJ: THE VALUATION OF INVISIBILIZED SOCIAL GROUPS**

### **Abstract**

Vassouras is a municipality in the Paraíba Valley that was the result of the economic heyday of the coffee cycle. Its historic center has imposing buildings in neoclassical architecture, such as: a building built in 1845, which in 2018 was revitalized to become the Cazuza Cultural Center; the building that housed the Santa Casa de Misericórdia is being restored to become the Vila de Vassouras Museum; the Casa do Barão de Vassouras is being restored; it was the stage for the exhibition that valued the cultural traditions of Vassouras. Thus, the aim of this article is to discuss the stories of invisible social groups that built this rich heritage, told on the basis of the new uses of this heritage. As a methodology, bibliographic and documentary research existed in historical collections, newspaper reports and digital media. As a result, it is clear that looking at cultural heritage sheds light on traditions in social relationships that until then were invisible.

**Keywords:** Cultural Heritage. Cultural Spaces. Resignifications. Vassouras.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista pelo CNPq. [taaraujoc@gmail.com](mailto:taaraujoc@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). [isafog@hotmail.com](mailto:isafog@hotmail.com)

## Introdução

Vassouras é um município do Vale do Paraíba sul-fluminense fruto do apogeu econômico do ciclo do café. Foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1958, como conjunto histórico, urbanístico e paisagístico. O centro histórico é composto por imponentes construções em arquitetura neoclássica e se tornou no século XIX a região política e econômica mais importante do Brasil, já que foi a maior exportadora do grão no mundo (IPHAN,2015).

Toda esta riqueza financiada pelo café, foi construída pela mão de obra escravizada, trazida principalmente da região da África Central, Congo e Angola, que formava aproximadamente 70% da população da época e de outros grupos sociais menos favorecidos (MONTEIRO, 2007).

Segundo Monteiro (2007), as relações de sociabilidade na Vila de Vassouras no século XIX muitas vezes usavam o compadrio com políticos e famílias da elite local para sobreviver numa sociedade conservadora, patriarcal e patrimonialista.

O centro histórico é composto pela Praça Barão do Campo Belo no centro, de onde se avista ao alto a Matriz Nossa Senhora da Conceição, cercada de casarões que formam um bonito cenário urbano, onde viviam os grandes fazendeiros do café e os mais importantes negociadores do grão. A Vila foi palco de muitas visitas "ilustres" vindas da Córte do Rio de Janeiro, de grande influência política no auge da produção cafeeira e da mão de obra escravista, como dito acima, que constituía a maior parte da população responsável pela construção de tamanha riqueza.

Destacam-se nesta paisagem alguns casarões que sofreram com a degradação após o declínio da produção das lavouras, devido ao empobrecimento do solo e do pós-abolição, indo praticamente as ruínas (IPHAN, 2015).

Diante dessa situação, a maioria da população escravizada procurou as áreas rurais ou terras em que pudessem produzir seus meios de sobrevivência, mas sempre viveram às margens da sociedade, lutando contra o racismo e a discriminação.

No entanto, a cultura e as heranças africanas deixadas pelo povo negro resistem até os dias atuais, um rico legado de saberes e fazeres que sofreram com a invisibilidade e os apagamentos da época da escravidão.

O objetivo é contar as histórias desses grupos sociais, muitas vezes apagadas, que construíram essa rica herança, bem como perpetuar suas vivências e tradições culturais. Nesse sentido, notou-se que muitos desses espaços passaram por processos de restauração, no intuito de conservar e preservar tamanha riqueza cultural e histórica; seus usos vêm passando

por ressignificações importantes para a valorização dos grupos sociais invisibilizados.

O casarão de 1845, situado ao lado esquerdo da Praça Barão do Campo Belo, que pertenceu ao genro do Barão de Itambé no século XIX, a Santa Casa de Misericórdia onde se encontra o Memorial Judaico, e a Casa que pertenceu ao Barão de Vassouras são exemplos de Patrimônios Culturais que ressurgem com novos significados.

A importância da conservação dos bens de valor arquitetônicos, preservados no centro urbano que fazem parte da história do município, é muito grande, lembrando que o tombamento do conjunto histórico, urbanístico e paisagístico de Vassouras pelo IPHAN(1958) ajudou e possibilitou os restauros que estão sendo primordiais para a manutenção da autenticidade e integridade desses bens.

Um levantamento bibliográfico e documental dos arquivos históricos do município embasaram a presente pesquisa, complementado por reportagens de jornais e estudos em sites nas mídias digitais que trouxeram eventos e exposições que aconteceram nesses espaços trazendoum novo olhar para esses locais.

Compreende-se que, com base nas ressignificações desses espaços culturais, há o enriquecimento do patrimônio arquitetônico e a valorização das tradições e vivências culturais dos grupos sociais até então discriminados, na reconstrução de um patrimônio cultural integrado.



Fonte: [visitevassouras.com](http://visitevassouras.com)

Imagem 1 - Centro Histórico de Vassouras/RJ

## A Mudança de paradigma do Patrimônio Cultural

Com base na Constituição Federal de 1988, que traz nos artigos 215, a ampliação do olhar sobre o patrimônio cultural brasileiro, garantindo o apoio, o incentivo e a valorização

das manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras, abriram-se as perspectivas de proteção e produção da diversidade cultural.

No artigo 216, entende-se o patrimônio cultural brasileiro como: “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.” (BRASIL, 1988).

Começa-se então as reflexões sobre se pensar o Patrimônio Cultural para além da “Pedra e Cal”, segundo Maria Cecília Londres da Fonseca (2003):

Sem dúvida, a ampliação do conceito de cidadania, o que implica reconhecimento dos “direitos culturais” de diferentes grupos que compõem uma sociedade, entre eles o direito à memória, ao acesso à cultura e à liberdade de criar, como também reconhecimento de produzir e consumir cultura, são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade, veio a contribuir para que o enfoque da questão do patrimônio cultural fosse ampliado para além da questão do que é “nacional”. (FONSECA, 2003).

Podemos assim dizer que as comunidades tradicionais produtoras de cultura devem ser protagonistas nas ações e nas políticas públicas desenvolvidas pelo Estado e pela sociedade. Manter essa cultura viva ajuda na preservação e proteção da memória e da diversidade.

O Decreto Lei 3.551/2000 e a Convenção de Paris promovida pela (em 2003) UNESCO, reforçaram ainda mais as diretrizes para estabelecer instrumentos de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial, instituindo o Registro dos Bens Culturais, onde serão inscritos os saberes, as formas de expressão, as celebrações e os lugares relevantes para a memória e a identidade dos sujeitos produtores de cultura (Brasil, 2000).

Dito isto, vamos falar sobre a forte cultura de matriz africana herdada dos pelos povos que habitaram a região do Vale do Paraíba - principalmente no Município de Vassouras/RJ - deixando uma rica herança cultural e de outros povos que por aqui passaram. Suas histórias muitas vezes sofreram apagamentos ou ficaram adormecidas devido às injustiças sociais, a desigualdade, ao preconceito étnico-racial e a intolerância religiosa, sendo muitas vezes perseguidos, o que os fez se tornarem invisíveis como meios para sobreviver ao sistema opressivo da escravidão e como maneira de perpetuar suas crenças e costumes.

Outras tradições ainda permanecem no município transmitidas por meio da oralidade dos mais velhos para os mais novos. “As sociedades de comunicação oral, por exemplo, desenvolveram sofisticadas e eficientes técnicas mnemônicas para evitar variações” (MENESES, 1992) indícios de seu caráter fluido e mutável. O povo bantu traz em suas raízes o sentido de coletividade, de respeito e de manutenção das tradições.

Segundo Meneses (1992):

A memória corre o risco de se desgastar, como um objeto friável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação, enreda-se em caminhos que não conduzem ao presente.

Um dos locais mais emblemáticos que foi ressignificado, foi o Largo da Forca, onde em 1839 foi enforcado Manoel Congo, líder da Insurreição de 1838, que juntamente com Mariana Crioula libertaram cerca de 400 escravizados; ele foi capturado pela Guarda Nacional e seu enforcamento serviu como exemplo para que outros não se insurgissem. (SOUZA, 2022). Hoje é considerado herói do estado do Rio de Janeiro; no local do Pelourinho foi erguido um memorial em sua homenagem, onde se encontra a documentação da sua condenação, **condenado a morte “natural” na forca** e de outros que ali foram enforcados.



Fonte: Tânia Araújo – 2019

Imagem 2 - Memorial Manoel Congo

O Patrimônio Cultural de Vassouras/RJ e seus novos usos

O Centro Cultural Cazuzá:

O Casarão de 1845, localizado no Centro Histórico de Vassouras, no entorno da Praça Barão de Campo Belo, que, no século XIX, pertenceu a Francisco José Teixeira de Souza, genro do Barão do Itambé, traz uma história de muitas transformações; com sua morte em 1871, o prédio se transformou em sede de clubes e colégios. Ao longo do tempo o prédio

sofreu degradações, sendo adquirido pela Prefeitura Municipal (1977) e se tornou a Casa de Cultura (Centro Cultural Presidente Tancredo Neves), abrigo da Biblioteca e o Arquivo Público Municipal (IPHAN, 2018).

Em 2018, o edifício foi totalmente restaurado, numa parceria do IPHAN, Prefeitura Municipal e Sociedade Viva Cazuzá, cuja família tem estreita relação com a cidade, pois Lucinha Araújo, mãe do poeta, nasceu na casa que foi transformada então num “Museu de grandes novidades”.

O Centro Cultural Cazuzá, que abriga o acervo do artista, suas composições, roupas, discos e instrumentos musicais, em exposição permanente, dispõe, no seu primeiro andar, de espaços para exposições itinerantes e eventos culturais que vêm chamando a atenção por seus conteúdos que valorizam as histórias e vivências e as relações sociais que sofreram apagamentos e discriminações (IPHAN, 2018).



Fonte: Foto CAT Centro Cultural Cazuzá

Imagem 3 - Centro Cultural Cazuzá

Dentre essas exposições destacam-se: “Vassouras e o processo de libertação dos escravizados contadas em Documentos” exibindo a documentação original e os embates da abolição da escravatura em 1888; também merece destaque a mostra: “Morte: um espaço de resignificação da vida e das relações sociais”, que mostra a história ao longo dos anos dos espaços de morte do Município e suas novas significações (Centro Cultural Cazuzá, 2023).

Como o Largo da Força, descrito acima, o Cemitério Nossa Senhora da Conceição, “dos Homens brancos”, também tem novos sentidos; foi aí sepultado, em janeiro de 1875, o pároco da cidade, Monsenhor Rios, que era conhecido por ajudar os escravizados; a seu pedido, foi enterrado em cova rasa, envolto apenas por uma mortalha. Desde então, em novembro do mesmo ano, próximo ao dia de finados, nasce em seu túmulo uma flor em formato de coração, com uma seiva cor de sangue, denominada “Flor-de-Carne” assim muitos fiéis são

devotos e atribuem ao Monsenhor o alcance de graças e milagres, uma resignificação de fé e de esperança (MONTEIRO; MACHADO, 2008).

### **O Palacete do Barão de Vassouras**

O Casarão do Barão de Vassouras foi construído em data anterior a 1847 por Francisco José Teixeira Leite, que foi um dos pioneiros da fundação da cidade de Vassouras. Ele enriqueceu como fazendeiro e político, tornando-se o Barão de Vassouras; mantinha redes de sociabilidade com a elite vassourense e da Corte, conseguindo assim a instalação da Rede Ferroviária Dom Pedro II. O contrato foi assinado pelo próprio Imperador, nos salões do casarão, fato importante para o escoamento da produção cafeeira e do desenvolvimento econômico da região.

Em 1971, a Casa do Barão de Vassouras seria desapropriada; nessa época pertencia à família Silva Telles. A desapropriação seria feita e a casa, entregue a Fundação Universitária Sul-Fluminense; no entanto, essa desapropriação foi contestada pela família, a casa passou por diversas reformas e foi vendida a uma transportadora que abandonou o imóvel e descaracterizou parte do bem tombado.

Em 2010, o IPHAN firmou contrato para o restauro do Casarão, em convênio com a Prefeitura Municipal. Começaram, então, a realizar as obras do imóvel (FCRB, 2020).



Fonte: Rede Globo/ TV Rio Sul – 2015

Imagem 4 - Casa do Barão de Vassouras (Ruínas)

Durante essas obras de restauro, em 2023, na Semana do Patrimônio de Vassouras, diversos Casarões Históricos receberam exposições e relembrando as histórias ocorridas no município, a Casa do Barão de Vassouras abrigou durante esse período a exposição: “Minha Alma Ancestral” dando ênfase às tradições deixadas pelos povos que viveram na região, no intuito de trazer para a sociedade a riqueza cultural e sua construção identitária.

As tradições são memórias profundas deixadas pelo povo que aqui habitou e são mantidas vivas por seus descendentes.

Segundo Polla (1992) “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”.

A Capoeira é representada por dois grupos. O Abadá Capoeira Vassouras, fundado em 1988, está fundamentado na Capoeira Angola, comandada pelo Professor Sombrão, e a Arte Rasteira, comandada por Mestre Chocolate. São projetos sociais de inclusão da comunidade local principalmente dos jovens.



Fonte: Arte Rasteira de Vassouras

Imagem 5 - Capoeira Arte Rasteira de Vassouras

### **Hino Capoeira Arte Rasteira - Vassouras**

Enquanto meu coração bater no peito,  
Ô bater no meu peito  
O sangue que corre na veia correr  
Enquanto eu viver, iê, ia  
Enquanto eu puder jogar, vou jogar...  
Enquanto eu puder jogar, vou jogar...  
Mas quando meu corpo  
Já não me obedecer.  
Vou calar minha voz,  
Mas vou cantar  
E a Deus do céu, Vou agradecer  
Tudo que eu já fiz pela capoeira  
Tudo o que a capoeira fez por mim  
Tudo o que aqui já passei  
o que ela também passou por mim.  
(Autor: Mestre Chocolate).

O Jongo/Caxambu Renascer de Vassouras que resiste após muitos anos adormecido, tendo como Liderança Claudia Mamede, neta de Waldemar “Grande”;

O Jongo/ Caxambu de Vassouras, ficou adormecido cerca de 50 anos devido a prisão de Waldemar “Grande”, o mais conhecido jongueiro da região, acusado injustamente de um roubo, não suportando tamanha vergonha deu cabo a sua própria vida, era um assunto proibido na sua família, até que seu neto, Luis Carlos dos Santos, Mestre “Cacalo” fez “Renascer” o Caxambu de Vassouras (Santos; Siqueira, 2015).

Em depoimento em Versos do Jongo (2012), Mestre Cacalo conta sobre as memórias do Jongo/Caxambu em Vassouras e de sua importância para história do negro, dizendo que seu povo nunca aceitou a escravidão, que essa expressão cultural era uma forma de resistência de suas crenças, sua cultura e também de insurgência em busca da liberdade.



Fonte: Jongo/Renascer Caxambu - 2015

Imagem 6 - Jongo/Caxambu Renascer de Vassouras

As Rezadeiras e Benzedeiras, detentoras dessa tradição e seus ofícios, essas mulheres são consideradas “guardiãs da memória” que, por meio da fé, curam e vivenciam o ofício da Reza e do Benzimento. Trazem, nas suas tradições, a religiosidade nas suas práticas e saberes.

Existem relatos das suas práticas ancestrais de cura por meio de orações, ervas para banhos, chás, garrafadas e outros tipos de remédios naturais aprendidos e repassados de geração em geração, utilizados em preces, rezas, ladainhas, simpatias e defumações, usando as mãos como ferramenta de trabalho.

Elas estão presentes em alguns bairros em Vassouras, suas práticas acontecem em suas casas e em seus quintais; cultivam-se plantas necessárias para cura, transformando-os em lugares de produção e vivências do Sagrado. A medicina popular, muito utilizada no período da escravidão, vem desaparecendo.



### O que é a Caninha Verde?

A Caninha Verde do Morro da Vaca é comandada pelo Sr. Manoel João dos Santos que preserva essa tradição herdada por sua família; aos noventa e dois anos se apresenta em espaços de cultura com receio que a tradição desapareça. A dança, de origem portuguesa é vinda da Ilha dos Açores, foi apropriada no Vale do Paraíba pelo povo negro. A presença da Caninha Verde nesta região parte da premissa de que sua origem veio com os colonizadores no século XVIII. Como a composição populacional neste período era diversificada, era comum que algumas festividades transitassem entre vários grupos sociais (MONTEIRO, 2014).

As apresentações da Caninha Verde em Vassouras despertam interesse dos mais jovens em aprender e abraçar essa referência cultural para que ela se perpetue.



Fonte: Tânia Araújo - 2023

Imagem 7 - Apresentação da Caninha Verde no Barão de Vassouras

Os Calangos, o Maculelê e os grupos de Folias de Reis continuam sendo cultura pulsante do Vale do Paraíba; a diversidade étnico-racial é o fenômeno que ocasionou essas transformações, envolvendo os vários povos, tornando-se multicultural.



Fonte: Tânia Araújo – 2023

Imagem 8 - As Tradições no Barão de Vassouras

”Minha Alma Ancestral” trouxe esse sentimento de pertencimento, mostrando as vestimentas, os instrumentos utilizados, os versos, seus saberes e fazeres em apresentações e o importante significado de perpetuar suas crenças e costumes.

Foi uma grata surpresa o reconhecimento e a valorização pela comunidade local dos que passaram pela exposição, cerca de 4.000 pessoas, entre moradores, turistas e estudantes. Essa participação aponta a importância da educação patrimonial, que traz seus valores e suas memórias. A ancestralidade dos grupos sociais, por muito tempo invisibilizados por estarem sempre à margem da sociedade, enaltece a importância para a construção da sociedade brasileira e como modo de reparação aos difíceis tempos da escravidão (Jornal Tribuna do Interior, 2023).

### **O Museu Vila de Vassouras**

“Um museu pode ser feito de janelas e de espelhos. As janelas servem para enxergar o mundo. Já os espelhos servem para que possamos nos ver, nos reconhecer, buscar nossas identidades.” (Museu de Vassouras, 2023).

O prédio do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras, erguido em 1853, era mantido pelo Barão de Campo Belo, nome dado a Praça que se localiza em frente, no Centro Histórico; nesse tempo eram atendidos nos andares de cima os “Homens brancos” e

nos andares de baixo os” Homens de cor preta”, isso aconteceu até 1910, quando se tornou o Asilo Barão do Amparo.

Este prédio foi tombado em 1986, mas durante muito tempo tornou-se uma edificação abandonada, foi incendiada e vandalizada e se encontrava em ruínas.

Comprado em 2018, para se tornar o Museu Vila de Vassouras, ainda em restauro, será transformado em “um museu de identidades, um museu que pesquise e revele essa mistura de que somos feitos, a nossa nação” segundo seu idealizador.

Para marcar as obras do futuro Museu, foram expostas nos tapumes exteriores fotos de pessoas que traduzem as identidades do Vale do Paraíba, a exposição: “Vozes do Vale”.



Fonte: Jornal Folha do Aço - 2022

Imagem 9 - Exposição Vozes do Vale

Durante as escavações arqueológicas foram encontrados mais de oito mil itens, entre vidros de remédios, medicamentos, moedas e faianças, que ficarão expostos no Museu.



Fonte: Site Museu de Vassouras. - 2022

Imagem 8 - Museu Vila de Vassouras

Nos seus jardins, encontra-se o Memorial Judaico, onde está sepultado um judeu que vivia como cristão, escondendo sua fé, no entanto, antes de morrer, como último desejo pediu: “Quero ser enterrado como judeu”, revelando a sociedade da época professar a Religião Judaica. Benjamin Benatar, marroquino de origem, foi impedido de ser enterrado no Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, devido a essa revelação. Em Vassouras, foi um comerciante influente, tendo boas relações com o baronato, assim quando faleceu em 1859, Pedro Correia e Castro, o Barão do Tinguá, grande benfeitor da Santa Casa de Misericórdia e padrinho de um dos filhos de Benatar, pediu que o amigo fosse enterrado nos jardins da Santa Casa, onde hoje se encontra o Memorial reconhecido pela comunidade judaica (Museu de Vassouras, 2023).



Fonte: Site Museu de Vassouras

### **Memorial Judaico no Museu**

## **Conclusão**

Quando se começou a falar de globalização, nos final de século XX, achava-se que o mundo estaria rumando para a homogeneização cultural que iria sobrepor-se às culturas nacionais e locais. Entre muitos aspectos se caracteriza as tendências em uma história que sucedem o colonialismo, o neocolonialismo, o imperialismo e, hoje, a globalização (Santos, 2010).

Ainda segundo Santos (2010), junto com a globalização surgiram os novos movimentos sociais que colocaram na pauta política o multiculturalismo, a diversidade e as ações afirmativas de gênero e de outros grupos sociais “minoritários”, demonstrando que o sistema estava longe de lograr uma homogeneização cultural, trazendo essa ideia de diversidade e multiculturalismo que significa um grande avanço.

Portanto, essa mudança de paradigma e um novo olhar ampliado sobre o patrimônio cultural, traz contribuições não só para a conservação e preservação dos bens culturais arquitetônicos, mas sentido e significado aos usos desses bens protegendo e valorizando os grupos tradicionais e seus modos de viver, os saberes e fazeres das comunidades remanescentes no Município de Vassouras.

Essas ressignificações trazem uma nova luz às identidades do povo vassourense e às importantes contribuições que indígenas, negros escravizados e judeus, trouxeram para essa região, grupos que foram perseguidos pela sua cor, sua religião ou por sua condição econômica. Essa população construiu as riquezas deixadas como herança cultural importantíssima, que muitas vezes foram apagadas pelo racismo estrutural, pela intolerância religiosa e pela desigualdade.

Destaca-se a importância da educação patrimonial, em ações afirmativas que tragam a sociedade como parte de sua história, o pertencimento da construção identitária e cultural das comunidades e grupos detentores desses saberes, o conhecimento por meio das formas de expressão, das memórias e vivências daqueles que protagonizaram essa rica história, deixando um legado que deve ser transmitido às próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A 2003.

A Casa Senhorial. A Casa do Barão de Vassouras. Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), 2020. Disponível em: <https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/538-casa-do-barao-de-vassouras> .

Blog - A morte e a morte de Benjamin Benatar - Museu de Vassouras. Por Chico Gonzaga. Disponível em: <https://museuvassouras.org.br/historia/a-morte-e-a-morte-de-benjamin-benatar/>

Blog - Um museu de identidades - Museu de Vassouras. Disponível em: <https://museuvassouras.org.br/obra/museu-de-identidades/>

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio Cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3551.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm).

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil, Brasília/DF, 5 out. 1988. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm).

IPHAN. Vassouras (RJ).2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/galeria/detalhes/415>  
IPHAN. Centro cultural Cazuza é inaugurado. Publicado em 08 de maio de 2018. Disponível em:<https://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4635/centro-cultural-cazuza-e-inaugurado-em-vassouras-rj>

Jornal Tribuna do Interior. Edição 1252, 31 de agosto de 2023. Disponível em: [https://jornaltribunadointerior.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Edicao-1252\\_compressed.pdf](https://jornaltribunadointerior.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Edicao-1252_compressed.pdf)

LEMOS, Renato. Museu de Vassouras. 2022. Disponível em: <https://museuvassouras.org.br/>

MAPA DE CULTURA RJ. Vassouras., Versos do Jongo, 02/11/2012 Disponível em: <https://youtu.be/ei5x45zBa8> Acesso em: 19/12/2023.

MENESES, Ulpiano B. M. A história, cativa da memória? Revista Inst. Est. Bras.,SP, 1992.

MONTEIRO, André J. M. festas e espaços em transformação: a Caninha Verde em Vassouras- RJ. Ponto Urbe. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2014.

MONTEIRO, Ângelo F. Rede de sociabilidades em Vassouras no século XIX: O caso Benatar. Ed. Autor, 2007.

MONTEIRO, Ângelo F. MACHADO, Lielza L(Orgs) Folder Comemorativo dos 180 da Igreja Matriz. Academia de letras de Vassouras e Centro de Documentação Histórica da Universidade de Vassouras, 2008.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. Estudos históricos. 1992. p. 200-215.

Prefeitura de Vassouras, 2023. Disponível em:[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid0eprX7cFe6eqpbbs46x7wq11SMR3qxTmgK4FUTsZasjYHByCEiBV6UCsSxb4z1MD6l&id=100064623491926&mibextid=Nif5OZ](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0eprX7cFe6eqpbbs46x7wq11SMR3qxTmgK4FUTsZasjYHByCEiBV6UCsSxb4z1MD6l&id=100064623491926&mibextid=Nif5OZ) .

Rede Globo. TV Rio Sul. 19 de novembro de 2015. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rj/tvriosul/noticia/2015/11/fantastico-mostrou-o-abandono-de-casarao-centenario-de-vassouras.html>

SANTOS, Rafael J. dos. As cores locais. Turismo & Patrimônio em tempos de globalização. Campo Mourão: Editora FECILCAM, 2010.242p.

SIQUEIRA, JJ; SANTOS, LCR. O Jongo Renascer de Vassouras. História, Identidade, Poesia. Mosaico. 2015 jan/jun (1): 05-15.

SOUZA, Alan de C. A Insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política/econômica e senhorial[?]. Mosaico; edição: V13, N3, 2022.